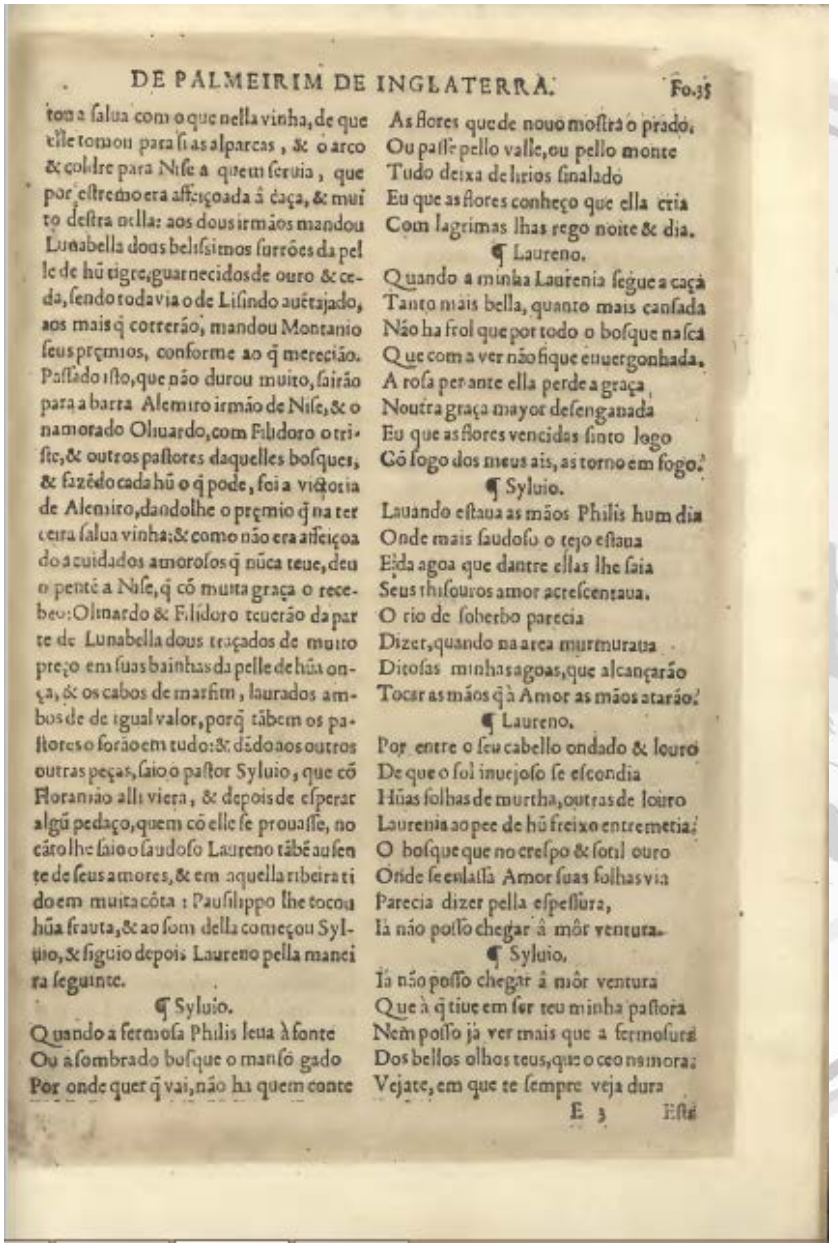
Palmeirim IV (1587)- Poema

Fac-símile
[*35r-35v*]



DE PALMEIRIM DE INGLATERRA. Fo.35

tou a ſalua com o que nella vinha, de que elle tomou para ſi as alparcas, & o arco & coldre para Niſe a quem ſeruia, que por eſtremo era affeiçoada â caça, & muito deſtra nella: aos dous irmãos mandou Lunabella dous beliſsimos ſurrões da pelle de hũ tigre, guarnecidos de ouro & ceda, ſendo todavia o de Liſindo auẽtajado, aos mais q̃ correrão, mandou Montanio ſeus prẽmios, conforme ao q̃ merecião. Paſſado iſto, que não durou muito, ſairão para a barra Alemiro irmão de Niſe, & o namorado Oliuardo, com Filidoro o triſte, & outros paſtores daquelles boſques, & fazẽdo cada hũ o q̃ pode, foi a victoria de Alemiro, dandolhe o prẽmio q̃ na terceira ſalua vinha: & como não era affeiçoado a cuidados amoroſos q̃ nũca teue, deu o pente a Niſe, q̃ cõ muita graça o recebeo: Olinardo & Filidoro teuerão da parte de Lunabella dous traçados de muito preço em ſuas bainhas da pelle de hũa onça, & os cabos de marfim, laurados ambos de de igual valor, porq̃ tãbem os paſtores o forão em tudo: & dãdo aos outros outras peças, ſaio o paſtor Syluio, que cõ Floramão alli viera, & depois de eſperar algũ pedaço, quem cõ elle ſe prouaſſe, no cãto lhe ſaio o ſaudoſo Laureno tãbẽ auſente de ſeus amores, & em aquella ribeira tido em muita cõta: Pauſilippo lhe tocou hũa frauta, & ao ſom della começou Syluio, & ſiguio depois Laureno pella maneira ſeguinte.

¶ Syluio.

Quando a fermoſa Philis leua à fonte
Ou à ſombrado boſque o manſo gado
Por onde quer q̃ vai, não ha quem conte
As flores que de nouo moſtra o prado.
Ou paſſe pello valle, ou pello monte
Tudo deixa de lirios ſinalado
Eu que as flores conheço que ella cria
Com lagrimas lhas rego noite & dia.

¶ Laureno.

Quando a minha Laurenia ſegue a caça
Tanto mais bella, quanto mais canſada
Não ha frol que por todo o boſque naſca
Que com a ver não fique euergonhada.
A roſa perante ella perde a graça,
Noutra graça mayor deſenganada
Eu que as flores vencidas ſinto logo
Cõ fogo dos meus ais, as torno em fogo.

¶ Syluio.

Lauando eſtaua as mãos Philis hum dia
Onde mais ſaudoſo o tejo eſtaua
E da agoa que dantre ellas lhe ſaia
Seus thiſouros amor acreſcentaua.
O rio de ſoberbo parecia
Dizer, quando na area murmuratta
Ditoſas minhas agoas, que alcançarão
Tocar as mãos q̃ à Amor as mãos atarão.

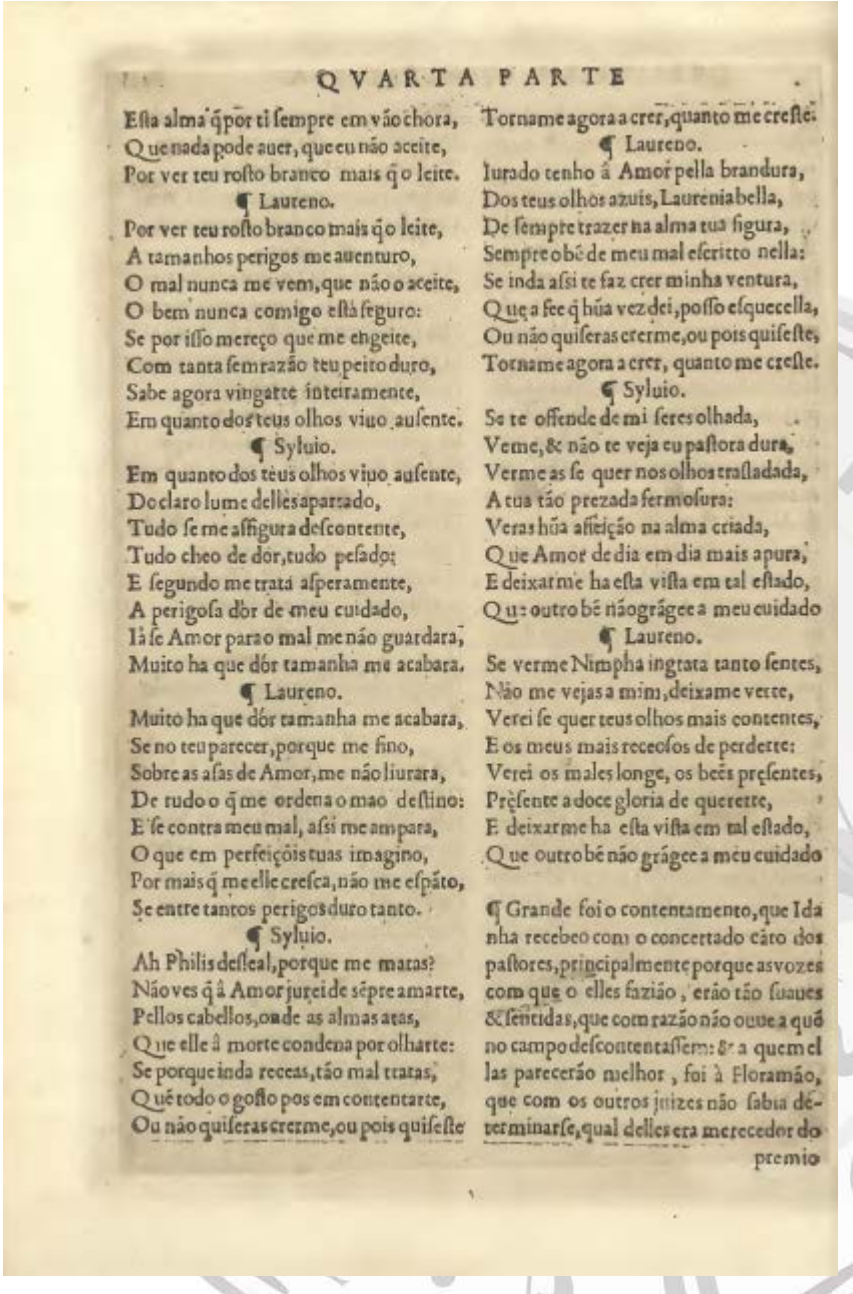
¶ Laureno.

Por entre o ſeu cabello ondado & louro
De que o ſol inuejoſo ſe eſcondia
Hũas folhas de murtha, outras de louro
Laurenia ao pee de hũ freixo entremetia:
O boſque que no creſpo & ſotil ouro
Onde ſe enlaſſa Amor ſuas folhas via
Parecia dizer pella eſpeſſura,
Lá não poſſo chegar â mõr ventura.

¶ Syluio.

Lá não poſſo chegar â mõr ventura
Que à q̃ tiue em ſer teu minha paſtora
Nem poſſo já ver mais que a fermoſura
Dos bellos olhos teus, que o ceo namora:
Vejate, em que te ſempre veja dura

E 3 Eſta



QVARTA PARTE

Esta alma q̃ por ti sempre em vão chora,
Que nada pode auer, que eu não aceite,
Por ver teu rosto branco mais q̃ o leite.

¶ Laureno.

Por ver teu rosto branco mais q̃ o leite,
A tamanhos perigos me auenturo,
O mal nunca me vem, que não o aceite,
O bem nunca comigo está seguro:
Se por isso mereço que me engeite,
Com tanta sem razão teu peito duro,
Sabe agora vingarte inteiramente,
Em quanto dos teus olhos viuo ausente.

¶ Syluio.

Em quanto dos teus olhos viuo ausente,
Do claro lume delles apartado,
Tudo se me affigura descontente,
Tudo cheo de dor, tudo pesado:
E segundo me trata asperamente,
A perigosa dor de meu cuidado,
Lá se Amor para o mal me não guardara,
Muito ha que dor tamanha me acabara.

¶ Laureno.

Muito ha que dor tamanha me acabara,
Se no teu parecer, porque me fino,
Sobre as asas de Amor, me não liurara,
De tudo o q̃ me ordena o mao destino:
E se contra meu mal, assi me ampara,
O que em perfeições tuas imagino,
Por mais q̃ me elle cresca, não me espãto,
Se entre tantos perigos duro tanto.

¶ Syluio.

Ah Philis desleal, porque me matas?
Não ves q̃ â Amor jurei de sẽpre amarte,
Pellos cabellos, onde as almas atas,
Que elle â morte condena por olharte:
Se porque inda receas, tão mal tratas,
Q̃ê todo o gosto pos em contentarte,
Ou não quiseras crerme, ou pois quiseste
Torname agora a crer, quanto me creste.

¶ Laureno.

Iurado tenho â Amor pella brandura,
Dos teus olhos azuis, Laurenia bella,
De sempre trazer na alma tua figura,
Sempre obẽ de meu mal escritto nella:
Se inda assi te faz crer minha ventura,
Que a fee q̃ hũa vez dei, posso esquecella,
Ou não quiseras crerme, ou pois quiseste,
Torname agora a crer, quanto me creste.

¶ Syluio.

Se te offende de mi seres olhada,
Verme, & não te veja eu pastora dura,
Verme as se quer nos olhos trasladada,
A tua tão prezada fermosura:
Veras hũa afeição na alma criada,
Que Amor de dia em dia mais apura,
E deixarme ha esta vista em tal estado,
Que outro bẽ não grãgee a meu cuidado

¶ Laureno.

Se verme Nimpha ingrata tanto sentes,
Não me vejas a mim, deixame verte,
Verei se quer teus olhos mais contentes,
E os meus mais receosos de perderte:
Verei os males longe, os beẽs prẽsentes,
Prẽsente a doce gloria de querette,
E deixarme ha esta vista em tal estado,
Que outro bẽ não grãgee a meu cuidado

¶ Grande foi o contentamento, que Idanha recebeo com o concertado cãto dos pastores, principalmente porque as vozes com que o elles fazião, erão tão suaues & sentidas, que com razão não ouue a quẽ no campo descontentassem: & a quem ellas parecerão melhor, foi à Floramão, que com os outros juizes não sabia determinarse, qual delles era merecedor do premio

Edição paleográfica

[*35r-35v*] ¶ Syluio./ Quando a fermosa Philis leua à fonte/ Ou asombrado bosque o mansogado/ Por onde quer q via, não ha quem conte/ As flores que de nouo mostra o prado./ Ou passe pello valle, ou pello monte/ Tudo deixa de lirios sinalado/ Eu que as flores conheço que ella cria/ Com lagrimas lhas rego noite & dia./ ¶ Laureno./ Quando a minha Laurenia segue a caça/ Tanto mais bella, quanto mais cansada/ Não ha frol que por todo o bosque nasca/ Que com a ver não fique enuergonhada./ A rosa per ante ella perde a graça/ Noutra graça mayor desenganada/ Eu que as flores vencidas sinto logo/ Cõ fogo dos meus ais, as torno em fogo./ ¶ Syluio./ Lauando estaua as mãos Philis hum dia/ Onde mais saudoso o

tejo eſtaua/ E da agoa que dantre ellas lhe ſaia/ Seus thiſouros amor acreſcentaua./ O rio de ſoberbo parecia/ Dizer, quando na area murmuraua/ Ditoſas minhas agoas, que alcançarão/ Tocar mãos q à Amor as mãos atarão./ ¶ Laureno./ Por entre ſeu cabello ondado & louro/ De que o ſol invejoſo ſe eſcondia/ Hũas folhas de murtha, outras de louro/ Laurenia ao pee de hũ freixo entremetia./ O boſque que no creſpo & ſotil ouro/ Onde ſe enlaſſa Amor ſuas folhas via/ Parecia dizer pella eſpeſſura,/ Ia não poſſo chegar â môr ventura./ ¶ Syluio./ Ia não poſſo chegar â môr ventura/ Que à q tiue em ſer teu minha paſtora/ Nem poſſo já ver mais que a fermoſura/ Dos bellos olhos teus, que o ceo namora./ Vejate, em que te ſempre veja dura/ Eſta alma q por ti ſempre em vão chora,/ Que nada pode auer, que eu não aceite,/ Por ver eu roſto branco mais q o leite./ ¶ Laureno./ Por ver teu roſto branco mais q o leite,/ A tamanhos perigos me auenturo,/ O mal nunca me vem, que não o aceite,/ O bem nunca comigo eſta ſeguro:/ Se por iſſo mereço que me engeite,/ Com tanta ſem razãoteu peito duro,/ Sabe agora vingarte inteiramente,/ Em quanto dos teus olhos viuo auſente./ ¶ Syluio./ Em quanto dos teus olhos viuo auſente,/ Do claro lume delles apartado,/ Tudo ſe me affigura deſcontente,/ Tudo cheo de dor, tudo peſado:/ E ſegundo me trata aſperamente,/ A perigoſa dòr de meu cuidado,/ Lá ſe Amor para o mal me não guardara,/ Muito ha que dór tamanha me acabara./ ¶ Laureno./ Muito ha que dór tamanha me acabara,/ Se no teu parecer, porque me fino,/ Sobre as aſas de Amor, me não liurara,/ De tudo o q me ordena o mao deſtino:/ E ſe contra meu mal, aſſi me ampara,/ O que em perfeiçõis tuas imagino,/ Por mais q me elle creſca, não me eſpãto,/ Se entre tantos perigos duro tanto./ ¶ Syluio./ Ah Philis deſleal, porque me matas?/ Não ves q â Amor jurei de ſẽpre amarte,/ Pellos cabellos, onde as almas atas,/ Que elle â morte condena por olharte:/ Se porque inda receas, tão mal tratas,/ Quẽ todo o goſto pos em contentarte,/ Ou não quiſeras crerme, ou pois quiſeſte/ Torname agora a crer, quanto me creſte./ ¶ Laureno./ Iurado tenho â Amor pella brandura,/ Dos teus olhos azuis, Laurenia bella,/ De ſempre trazer na alma tua figura,/ Sempre o bẽ de meu mal eſcritto nella:/ Se inda aſſi te faz crer minha ventura,/ Que a fee q hũa vez dei, poſſo eſquecella,/ Ou não quiſeras crerme, ou pois quiſeſte,/ Torname agora a crer, quanto me creſte./ ¶ Syluio./ Se te offende de mi ſeres olhada,/ Veme, & não te veja eu paſtora dura,/ Verme as ſe quer nos olhos traſladada,/ A tua tão prezada fermoſura:/ Veras hũa affeição na alma criada,/ Que Amor de dia em dia mais apura,/ E deixarme ha eſta viſta em tal eſtado,/ Que outro bẽ não grãgee meu cuidado/ ¶ Laureno./ Se verme Nimpha ingrata tanto ſentes,/ Não me vejas a mim, deixame verte,/ Verei ſe quer teus olhos mais contentes,/ E os meus mais receoſos de perderte:/ Verei os males longe, os beẽs preſentes,/ Preſente a doce gloria de quererte,/ E deixarme ha eſta viſta em tal eſtado,/ Que outro bẽ não grãgee meu cuidado

Edição crítica

[*35r-35v*] Sílvio.

Quando a fermosa Philis leva à fonte
ou asombrado bosque o manso gado,
por onde quer que via, não há quem conte
as flores que de novo mostra o prado,
ou passe pelo vale ou pelo monte,
tudo deixa de lírios sinalado.

Eu, que as flores conheço que ela cria,
com lágrimas lhas rego noite e dia.

Laureno.

Quando a minha Laurénia segue a caça
tanto mais bela quanto mais cansada,
não há frol que por todo o bosque nasca
que com a ver não fique envergonhada.
A rosa perante ela perde a graça
noutra graça maior desenganada,
eu, que as flores vencidas sinto logo,
com fogo dos meus «ais» as torno em fogo.

Sílvio.

Lavando estava as mãos Filis um dia
onde mais saudoso o Tejo estava,
e da ágoa que dantre elas lhe saía
seus tisouros amor acrescentava.
O rio de soberbo parecia
dizer, quando na area murmurava:
«Ditosas minhas ágoas, que alcançaram
tocar mãos que a Amor as mãos ataram».

Laureno.

Por entre seu cabelo ondado e louro
de que o sol, invejoso, se escondia,
ũas folhas de murta, outras de louro,
Laurénia ao pé de um freixo entremetia.
O bosque, que no crespo e sotil ouro
onde se enlassa Amor suas folhas via,
parecia dizer pela espessura:
«Já não posso chegar à môr ventura».

Sílvio.

Já não posso chegar à mor ventura,
que a que tive em ser teu, minha pastora,
nem posso já ver mais que a fermosura
dos belos olhos teus, que o céo namora.
Veja-te em que te sempre veja dura
esta alma que por ti sempre em vão chora,
que nada pode haver que eu não aceite,
por ver eu rosto branco mais que o leite.

Laureno.

Por ver teu rosto branco mais que o leite,
a tamanhos perigos me aventuro,
o mal nunca me vem que não o aceite,
o bem nunca comigo está seguro;
se por isso mereço que me engeite
com tanta sem-razão teu peito duro,
sabe agora vingar-te inteiramente,
enquanto dos teus olhos vivo ausente.

Sílvio.

Enquanto dos teus olhos vivo ausente,
do claro lume deles apartado,
tudo se me afigura descontente,
tudo cheo de dor, tudo pesado;
e segundo me trata asperamente
a perigosa dor de meu cuidado,
lá se Amor para o mal me não guardara,
muito há que dor tamanha me acabara.

Laureno.

Muito há que dor tamanha me acabara,
se no teu parecer, porque me fino,
sobre as asas de Amor me não livrara
de tudo o que me ordena o mao destino;
e se contra meu mal assi me ampara,
o que em perfeiçõis tuas imagino,
por mais que me ele cresca, não me espanto,
se entre tantos perigos duro tanto.

Sílvio.

Ah Philis desleal, por que me matas?
Não vês que a Amor jurei de sempre amar-te,
pelos cabelos, onde as almas atas,
que ele à morte condena por olhar-te?
Se porque inda receas tão mal tratas,
qu´em todo o gosto pôs em contentar-te,
ou não quiseras crer-me, ou pois quiseste
torna-me agora a crer quanto me creste.

Laureno.

Jurado tenho a Amor pela brandura

dos teus olhos azúis, Laurénia bela,
de sempre trazer na alma tua figura,
sempre o bem de meu mal escrito nela;
se inda assi te faz crer minha ventura
que a fé que ũa vez dei, posso esquecê-la,
ou não quiseras crer-me ou pois quiseste,
torna-me agora a crer quanto me creste.

Sílvio.

Se te ofende de mi seres olhada,
vê-me e não te veja eu, pastora dura,
ver-me-ás sequer nos olhos trasladada,
a tua tão prezada fermosura;
verás ũa afeição na alma criada
que Amor de dia em dia mais apura,
e deixar-me-á esta vista em tal estado
que outro bem não grangee meu cuidado.

Laureno.

Se ver-me, Ninfa ingrata, tanto sentes
não me vejas a mim, deixa-me ver-te,
verei sequer teus olhos mais contentes,
e os meus mais receosos de perder-te:
verei os males longe, os bens presentes,
presente a doce glória de querer-te;
e deixar-me-á esta vista em tal estado
que outro bem não grangee meu cuidado.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, "*Palmeirim de Inglaterra III-IV (1587)*: composições poéticas", em *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (http://www.universodealmourol.com/), 2017.